

Palestra Pathwork no. 083  
Palestra Anteriormente Editada

## A AUTO-IMAGEM IDEALIZADA

Saudações! Deus abençõe todos vocês, meus queridos amigos! Bem-vindos, todos os meus antigos e novos amigos aqui reunidos!

Vamos continuar dentro da série de palestras para ajudá-los a obter maior inspiração para si e, conseqüentemente, para a vida. As duas palestras anteriores lidaram com a grande dualidade, a luta entre a vida e a morte, a ilusão de que tudo é uma questão disto ou daquilo.

Quanto mais o indivíduo se envolve na dualidade, tanto mais ele percebe a vida em termos extremos. A felicidade versus a infelicidade, onde a felicidade representa a vida e a infelicidade representa a morte.

Enquanto ainda lutamos nesta dualidade é impossível aceitar que a vida contém ambos. Intellectualmente pode-se aceitar e acreditar nisto mas, emocionalmente, isto não acontece. O que se sente é que se estamos infelizes agora, continuaremos infelizes para sempre. Então começa o esforço trágico, desnecessário e destrutivo contra a morte e a infelicidade.

O nascimento é uma experiência dolorosa para uma criança. Outras experiências podem se seguir, apesar de também acontecerem experiências de prazer. Mas, a partir do momento em que a dor está sempre presente, o medo dela gera um problema básico.

A atitude mais comum, na qual as pessoas se refugiam crendo, erroneamente, que evitarão a infelicidade, a dor e a morte é a criação da auto-imagem idealizada que é acolhida como uma pseudo proteção universal. Elas nunca percebem que esta atitude não só não evita mas, também, atrai aquilo que mais receiam.

Contudo, se você não compreende completamente a sua luta com a dualidade, sobre a qual eu falei nas duas palestras anteriores, não é possível compreender a criação e a função da auto-imagem idealizada.

Eu tenho usado, ocasionalmente, o termo máscara. A máscara e a imagem auto-idealizada são, na verdade, uma coisa só. O eu idealizado mascara o verdadeiro self. Ele finge ser algo que não é. A auto-imagem idealizada pretende ser um meio de evitar a infelicidade. Como a infelicidade automaticamente rouba a segurança da criança, a sua auto confiança diminui na proporção da sua infelicidade, apesar da sua infelicidade não poder ser medida objetivamente.

Aquilo com que um indivíduo está capacitado para manejar bem e não experiencia como uma infelicidade drástica, um outro temperamento e caráter, percebe como um inimigo terrível.

Em qualquer grau, a infelicidade e a falta de crença em si estão interconectados. A criação da auto-imagem idealizada serve para suprir a falta de confiança e, em consequência, ganhar pleno prazer. Ao menos este é o processo inconsciente de raciocínio o qual não é totalmente diferente da verdade.

Na realidade, a auto confiança saudável e genuína é a paz de espírito. Significa a saudável independência e segurança e permite que se consiga o máximo de felicidade através do desenvolvimento dos talentos inerentes ao indivíduo, levando a uma vida construtiva e entrando em relações humanas frutíferas.

Mas, como a auto confiança estabelecida através da auto-imagem idealizada é artificial, o resultado nunca pode ser o esperado. Na verdade, a consequência é bem contrária e frustrante pois causa e efeito diferem das expectativas.

É preciso compreender o significado, os efeitos e os prejuízos que se seguem a partir do despertar a auto-imagem idealizada e plenamente reconhecer a sua existência, a forma particular como ela se manifesta no seu caso individual. Isto requer muito trabalho para o qual todo o trabalho precedente foi necessário.

A dissolução da imagem do eu idealizado é a única maneira possível de encontrar o seu verdadeiro self, de encontrar serenidade e auto-respeito e de viver a sua vida plenamente.

Existe muito a ser dito sobre estes tópicos mas, agora eu falarei, apenas, os fundamentos mais básicos. À medida que o tempo passa, deverei ser mais específica e abordar outros detalhes, mas os resultados e as descobertas do seu trabalho pessoal a este respeito são mais importantes.

Quando crianças, a despeito de quais as suas circunstâncias particulares, vocês foram doutrinados com conselhos sobre a importância de serem bons, santos, perfeitos. Quando não agiam assim, eram sempre punidos de uma maneira ou outra.

Talvez a pior punição era que os seus pais retiravam o afeto por vocês, ficavam com raiva e vocês tinham a impressão de que eles não mais os amavam. Não é à toa que "ser mau" esteve sempre associado a castigo e infelicidade e "ser bom" associado a prêmio e felicidade. Daí, ser "bom" e "perfeito" tornou-se uma absoluta existência, uma questão de vida ou morte.

Contudo, sempre souberam perfeitamente bem que vocês nunca foram tão bons e perfeitos quanto o mundo parecia esperar que fossem. Esta verdade teve de ser ocultada, tornou-se um segredo, cheio de culpas e foi, então, que começaram a construir um falso eu. Isto, pensavam vocês, era a sua proteção e seu meio de obter aquilo que, desesperadamente, queriam - vida, alegria, segurança e auto confiança. A consciência desta fachada falsa começou a desvanecer mas vocês estiveram e permanentemente estão, permeados pela culpa do fingimento de serem algo que não são.

Esforçam-se, cada vez mais, para tornarem-se este falso eu, este eu idealizado. Vocês estiveram e, inconscientemente ainda estão, convencidos de que, se fizerem bastante esforço, um dia serão aquele eu.

Mas este processo artificial de "forçar algo que não são" nunca pode alcançar o auto desenvolvimento genuíno, a auto purificação e o crescimento, porque começaram construindo um eu irreal sobre uma fundação falsa e deixaram o seu eu real de fora. Na verdade, sempre o estiveram escondendo.

A auto-imagem idealizada pode assumir muitas formas. Ela nem sempre dita padrões de perfeição reconhecida. Oh sim, muitas das auto-imagens idealizadas ditam padrões altamente morais, tornando ainda mais difícil questionar a sua validade.

"Mas não está certo querer ser sempre decente, amoroso, compreensivo, nunca irritado, nunca ter falhas e tentar chegar à perfeição? Não é isto o que é esperado de nós?"

Tais considerações dificultarão para vocês a descoberta da atitude compulsiva que nega a presente imperfeição, o orgulho e a falta de humildade o que dificulta que se aceite a si mesmo como se é agora e, acima de tudo, cria a pretensão que traz consigo a vergonha, o medo de expor-se, a ocultação, a tensão, o esforço, a culpa e a ansiedade.

Será necessário algum progresso neste trabalho antes que se possa experienciar a diferença de sentimento entre um desejo genuíno de, gradualmente, trabalhar na direção do crescimento e a falsa pretensão imposta sobre vocês pelos ditames do eu idealizado.

Será possível descobrir o medo profundamente escondido que diz que o seu mundo virá abaixo se não viverem de acordo com os seus padrões. Vocês sentirão e saberão muitos outros aspectos e diferenças entre o eu genuíno e o falso. E, também, descobrirão o que o seu eu idealizado particular está exigindo.

Existem, também, facetas do eu idealizado, dependendo da sua personalidade, condições de vida e influências do princípio de vida, as quais não são e não podem ser consideradas boas, éticas ou morais. Tendências agressivas, hostis, orgulhosas e super ambiciosas são glorificadas ou idealizadas. É verdade que estas tendências negativas existem por trás de todas as auto-imagens idealizadas.

Mas elas estão ocultas e como grosseiramente contradizem os padrões altamente morais do eu idealizado pessoal, causam uma ansiedade adicional, no qual o eu idealizado ficará exposto pela fraude que é.

A pessoa glorifica tais tendências negativas, acreditando que elas provam a força e a independência, superioridade e separatividade e, ficaria profundamente envergonhada do tipo de bondade que o eu idealizado de outra pessoa usa como fachada e consideraria isto uma fraqueza, vulnerabilidade e dependência, num sentido negativo.

Tal pessoa não percebe que nada torna um indivíduo mais vulnerável que orgulho e nada causa tanto medo. Na maioria dos casos é uma combinação destas duas tendências: uma super-exigência de padrões morais impossíveis de sustentar e o orgulho de ser invulnerável, separado e superior.

A co-existência destas formas mutuamente exclusivas apresenta um esforço particular para a psique. É desnecessário dizer que ainda não se tem uma percepção consciente desta contradição até que este trabalho particular esteja mostrando resultados.

Existem muito mais facetas, possibilidades e pseudo-soluções individuais que combinam-se com todos os tipos de comportamentos mutuamente excludentes. Tudo isso deve ser encontrado individualmente.

Deixe-nos, agora, considerar alguns dos efeitos gerais da existência do self idealizado que são impossíveis de se perceber e, contudo, o indivíduo não consegue abrir mão de tentar segurá-los, cultiva dentro de si muita tirania interna da pior ordem.

Vocês não percebem a impossibilidade de serem tão perfeitos quanto à exigência do seu eu idealizado e nunca desistem de punir a si mesmos, castigando-se e sentindo uma completa frustração todas as vezes que é provado que não podem viver de acordo com as suas exigências.

Um senso de incapacidade abjeta recai sobre si todas as vezes que não correspondem a estas exigências fantásticas e são engolidos pela sua miséria. Esta miséria pode, às vezes, ser consciente mas, na maioria das vezes não o é.

Mesmo que seja, vocês não percebem o completo significado, a impossibilidade do que esperam de si mesmos. Quando tentam esconder suas reações às suas próprias "falhas", usam meios especiais para evitar vê-las. Um dos artifícios mais comuns é projetar culpa pelo insucesso "no mundo externo", em outros, ou na vida.

Quanto mais tentam identificar-se com o seu eu idealizado, mais forte a desilusão quando a vida lhes coloca numa situação onde a máscara não mais pode ser mantida.

Muitas crises pessoais estão baseadas neste dilema ao invés de nas dificuldades externas. Essas dificuldades, então, tornam-se ameaças adicionais que estão além da dificuldade objetiva.

A existência destas dificuldades é para lhes provar que vocês não são o seu idealizado e isto retira a falsa segurança que, erroneamente, se tentou estabelecer com a criação do eu idealizado.

Existem outros tipos de personalidade que sabem perfeitamente bem que elas não podem identificar-se com o eu idealizado. Mas elas não sabem disto de uma maneira saudável. Se desesperam. Elas acreditam que deveriam viver à altura da existência. As suas vidas, como um todo, estão permeadas por um sentimento de derrota, enquanto que o tipo anteriormente mencionado experiencia isto apenas em níveis mais conscientes quando as condições internas e externas culminam a ponto de mostrar o fantasma do eu idealizado da maneira como ele realmente é - uma ilusão, um fingimento, uma desonestidade.

Ela culmina dizendo: "Eu sei que sou imperfeito, mas eu faço crer que sou perfeito". O não reconhecimento disto é comparativamente fácil quando racionalizado pelos padrões e metas conscientes e honráveis e pelo desejo de ser bom.

O desejo genuíno de melhorar a si mesmo leva à aceitação da personalidade como ela é. Se esta premissa básica é a principal força governadora da sua motivação pela perfeição, qualquer descoberta acerca de onde se está em falta com relação aos seus ideais não os levará à depressão, ansiedade e culpa mas, pelo contrário, os fortalecerá.

Não é necessário exagerar na "maldade" do comportamento em questão nem defender-se contra ele com a desculpa de que é falha dos outros, da vida ou do destino. Vocês obterão uma visão objetiva de si mesmos a este respeito e esta visão os libertará.

Assumirão plena responsabilidade pela atitude faltosa desejando tomar as conseqüências sobre si mesmos. Quando vocês expressam o seu eu idealizado, nada mais é temido, pois assumir a responsabilidade dos seus erros, sobre si mesmo, equivale a dizer "eu não sou o meu eu idealizado".

Um sentimento de derrota, frustração e compulsão, bem como culpa e vergonha, são as indicações mais proeminentes de que o seu eu idealizado está ativado. Estas são as emoções conscientemente sentidas a partir de tudo aquilo que está escondido por debaixo.

O eu idealizado foi chamado à existência a fim de sustentar a auto confiança e, assim, em última instância, a felicidade e o prazer supremo. Quanto mais forte a sua presença, tanto mais desvanece a genuína auto confiança. Como não é possível viver de acordo com os seus padrões, vocês têm uma imagem pior sobre si mesmos do que originalmente tinham.

É óbvio, então, que a genuína auto confiança pode ser estabelecida apenas quando se pode remover a super estrutura, que é o impiedoso e tirano eu idealizado.

Sim, vocês poderiam ter auto confiança se o eu idealizado fosse realmente vocês e, se fosse possível viver de acordo com os seus padrões. Mas como isso é impossível e, lá no fundo, vocês sabem perfeitamente bem que não são nem um pouco parecidos com o que pensam que deveriam ser, com este super "self" constroem uma insegurança adicional e estabelecem posteriores círculos viciosos.

A insegurança inicial que, supostamente, tinha sido afastada pelo estabelecimento do eu idealizado aumenta, consideravelmente. Como uma bola de neve, torna-se cada vez maior. Quanto mais inseguros vocês se sentem tanto mais sérias as exigências da super estrutura ou eu idealizado, menor a possibilidade de viver à sua altura e, portanto, mais inseguros se sentem.

É muito importante ver como funciona este círculo vicioso. Mas isto não pode ser feito, a menos que se tornem plenamente conscientes das maneiras tortuosas, sutis e inconscientes nas quais este eu/imagem idealizada existe, no seu caso pessoal.

Perguntem-se em quais áreas particulares ele se manifesta? Que causas e efeitos estão conectadas com isto?

Um resultado posterior e drástico deste problema é o não reconhecimento constante e crescente do eu real. É uma imitação rígida e artificialmente construída de um ser humano vivo.

Vocês podem investir nela através de muitos aspectos do seu eu real; contudo, ela permanece uma construção artificial. Quanto mais você investe as suas energias, a sua personalidade, os seus processos mentais, conceitos, idéias e ideais, tanto mais porções são retiradas do seu centro, o qual, sozinho, não tem forças para crescer.

Este centro do seu ser é a única parte de você, o verdadeiro você, que pode viver, crescer e ser. É a única parte que pode, adequadamente, lhes guiar. Ela, por si só, funciona com todas as suas capacidades. É flexível e intuitiva. Seus sentimentos, por si só, são verdadeiros e válidos mesmo que, durante um período, ainda não estejam plenamente preenchidos de verdade e realidade, perfeição e pureza.

Mas os sentimentos do eu real funcionam em perfeição relativa àquilo que você é agora, não sendo capaz de ser mais, em qualquer situação dada na sua vida. Quanto mais vocês retiram do seu centro de vida a fim de investir no robô que criaram, tanto mais afastados tornam-se do eu real e tanto mais vocês o enfraquecem e o empobrecem.

No curso deste trabalho vocês, às vezes, chegaram ao questionamento intrigante e até amedrontador; "quem sou eu realmente?" Este é o resultado da discrepância e do esforço entre o seu real e o falso.

Apenas ao resolver esta questão vital e profunda é que seu centro de vida responderá e funcionará, a sua intuição começará a funcionar em sua plena capacidade, vocês torna-se-ão espontâneos, livres de todas as compulsões, confiarão em seus sentimentos porque eles trarão uma oportunidade de amadurecer e crescer. Os sentimentos torna-se-ão, pouco a pouco, confiáveis para vocês tanto quanto o seu poder de raciocínio e o seu intelecto.

Tudo isso é a descoberta final do self. Antes que isto possa ser feito, muitas dificuldades devem ser superadas. Parece-lhes que este é um esforço de vida ou morte. Vocês ainda tentam acreditar que necessitam do eu idealizado para viver e ser feliz.

Quando compreenderem que isto não é assim, serão capazes de abrir mão da falsa-defesa que alimenta a manutenção e cultivo de que o eu idealizado é necessário.

Quando, enfim, compreenderem que o eu idealizado foi necessário para resolver os problemas particulares na sua vida, problemas que estão acima e além da sua necessidade de felicidade, prazer e segurança, poderão ver a errônea conclusão desta teoria.

Uma vez que derem um passo a mais e reconhecerem o dano que o eu idealizado causa nas suas vidas, abrigarão este eu como um fardo. Nenhuma das convicções, teorias ou palavras que vocês ouvirão os fará desistir, apenas o reconhecimento objetivo do porque ele foi criado, qual o dano que causou e continua a causar, isto os capacitará a dissolver esta imagem de todas as imagens.

É desnecessário dizer que vocês devem reconhecer mais particularmente um detalhe. Quais as suas exigências e padrões específicos e, posteriormente, ver a irracionalidade e impossibilidade disto.

Quando vocês têm um sentimento de ansiedade e depressão, considerem o fato de que a sua imagem idealizada pode estar sendo questionada e ameaçada, seja pelas suas próprias limitações, pelas outras pessoas, ou pela vida.

Reconheça o auto desprezo que delinea a ansiedade e a depressão. Quando vocês sentem uma compulsiva raiva do outro, considerem a possibilidade disto ser uma exteriorização da sua raiva para consigo por não viver de acordo com os padrões do seu falso eu. Não deixe a coisa passar usando uma desculpa de problemas externos para contabilizar a depressão e o medo agudos. Entre na questão a partir deste novo ângulo. O seu trabalho particular e pessoal lhes ajudará nesta direção mas é quase impossível fazê-lo sozinhos.

Apenas após terem feito algum progresso substancial é que reconhecerão que tantos desses problemas externos são direta ou indiretamente o resultado das discrepâncias entre as suas capacidades e os padrões do seu eu idealizado bem como da maneira como vocês lidam com o conflito.

Assim, na medida em que prosseguem nesta fase particular do seu trabalho, virão a entender a exata natureza do seu eu idealizado, suas exigências, suas necessidades para consigo e com os outros a fim de manter a ilusão.

Uma vez que vocês virem completamente que aquilo que era considerado como louvável é, em realidade, orgulho e pretensão, terão ganho um insight mais substancial que os capacita a enfraquecer o impacto do eu idealizado.

Então, e somente então, é que perceberão a grande auto punição que impuseram sobre si mesmo. Pois todas as vezes que se está em falta, como estão propensos a estar, sentem-se tão impacientes, tão irritados que os seus sentimentos podem levar como uma bola de neve a uma fúria e ódio de si mesmos.

Esta fúria e este ódio são freqüentemente projetados sobre outros, porque é insustentável demais se tornar consciente do auto-ódio, a menos que a pessoa desenrole este processo e o veja inteiramente na luz. Entretanto, mesmo se esta raiva é descarregada sobre os outros, o efeito sobre o self ainda está lá fora e pode causar doença, acidente, perda e derrota externa de muitas maneiras.

Quando vocês derem os passos iniciais na direção de abrir mão do eu idealizado, sentirão uma sensação de liberação como nunca antes. Vocês, verdadeiramente, nascerão de novo; o seu real emergirá. E, então, descansarão dentro do eu verdadeiro, centrados no interior. E, verdadeiramente, crescerão não apenas nas camadas externas que podem ter-se tornado livres da ditadura do eu idealizado, como em cada parte do seu ser.

Isto mudará muitas coisas. Primeiro emergirão mudanças nas suas reações com relação à vida, aos incidentes, a si mesmos e aos outros. Esta reação modificada será surpreendente o suficiente mas, pouco a pouco, as situações exteriores também estarão sujeitas a mudanças.

A sua atitude diferente terá novos efeitos. A superação do seu eu idealizado significa superação em importantes aspectos da dualidade entre vida e morte.

No presente momento, vocês nem têm consciência da pressão do seu eu idealizado, da vergonha, humilhação e exposição ao medo e, às vezes, sentem tensão, esforço e compulsão. Se têm um lampejo ocasional de tais emoções, ainda não lhes é possível conectá-las com as fantásticas exigências do seu eu idealizado.

Apenas após plenamente ver estas expectativas grandiosas e os seus sempre contraditórios imperativos é que vocês renunciam a eles.

A liberdade interior inicialmente obtida desta maneira lhes permitirá lidar com a vida e nela sustentar-se. Não mais será necessário segurar-se freneticamente no eu idealizado. A simples atividade interior de conter-se tão freneticamente gera um clima generalizado de retenção. Isto, às vezes, é vivido em atitudes externas mas, mais freqüentemente, é uma qualidade ou atitude externa.

À medida em que vocês prosseguirem nesta nova fase do seu trabalho, sentirão esta limitação interna e, gradualmente, reconhecerão o prejuízo básico que isto causa.

Isto impossibilita o livre fluir de muitas atitudes. Torna, indevidamente, difícil o acontecimento de qualquer mudança que permita a vida de fazer emergir a alegria e um espírito de vigor. Vocês mantêm-se limitados em si mesmos e, conseqüentemente, voltam-se contra a vida em um dos aspectos mais fundamentais.

As palavras são insuficientes; vocês precisam sentir o que estou dizendo. Vocês saberão exatamente quando tiverem enfraquecido o seu eu idealizado, ao plenamente compreender a sua função, as suas causas e efeitos.

Assim, ganharão grande liberdade para entregar-se a si mesmos e à vida porque não mais terão de esconder-se de si mesmos e dos outros. Serão capazes de entregar-se, plenamente, à vida, não de uma maneira doente e irracional mas saudavelmente, da mesma maneira que a natureza se entrega. Somente então, conhecerão a beleza de viver.

Não é possível aproximar-se da parte mais importante do seu trabalho interno com um conceito geral. Como sempre, as suas reações diárias mais insignificantes, consideradas deste ponto de vista, produzirão os resultados necessários. Assim, continuem a sua auto pesquisa a partir destas novas considerações e não fiquem impacientes se levar tempo e esforço.

Uma palavra mais. A diferença entre o self real e o idealizado, freqüentemente não é uma questão de quantidade mas, pelo contrário, de qualidade. Ou seja, a motivação original é diferente desses dois eus. Isto não será difícil de ver mas, à medida que vocês reconhecem as exigências, as contradições, as seqüências de causa e efeito, a diferença na motivação gradualmente torna-se clara.

Uma outra consideração importante é o elemento tempo. O eu idealizado quer ser perfeito, de acordo com as suas exigências específicas, imediatamente. O eu real sabe que isto não é possível e não sofre com isto.



É claro que vocês não são perfeitos. O seu eu atual é um complexo de tudo o que são no momento. É claro que vocês têm uma egocentricidade básica mas que se for reconhecida, poderão lidar com ela. Podem aprender a entender isto e, conseqüentemente, diminuí-lo com cada novo insight, desta forma, realmente experienciarão a verdade que, quanto mais egocêntricos forem, menos auto confiantes serão.

O eu idealizado crê exatamente o oposto. Suas exigências por perfeição são motivadas por razões puramente egocêntricas e esta egocentricidade torna a auto confiança impossível.

A grande liberdade de voltar para casa, meus amigos, é descobrir o seu caminho de volta para o verdadeiro você. A expressão "voltar para casa" tem sido sempre usada na literatura e ensinamentos espirituais, contudo, sempre mal compreendida. Ela tem, freqüentemente, sido interpretada com o significado do retorno ao mundo espiritual após a morte física.

Voltar para casa significa muito mais. Vocês podem morrer muitas vezes, uma vida terrena após a outra, mas se ainda não descobriram o seu eu real, não podem voltar para casa.

Vocês podem estar perdidos e permanecer perdidos até encontrarem o caminho para o centro do seu ser. Por outro lado, podem descobrir o seu caminho aqui e agora, enquanto ainda estão no corpo físico.

Quando reunirem a coragem de tornarem-se o seu eu real, apesar de parecer muito menos que o eu idealizado, vocês descobrirão que ele é muito mais.

Então, vocês funcionarão como um ser total e terão quebrado o chicote de ferro do carrasco ao qual será impossível obedecer. Assim, conhecerão o verdadeiro significado de paz e segurança. Deixarão de uma vez por todas de buscar falsos meios.

- Vocês têm alguma pergunta?

PERGUNTA : "Então o eu real não tem duas almas, não tem dualidade?"

RESPOSTA : É claro que não! A dualidade deixa de existir uma vez que aceitarem a si mesmos como parte boa e parte má, que consiste, parcialmente do eu superior e, parcialmente, do eu inferior. Estes dois lados serão integrados e viverão em paz um com outro uma vez que aceitarem a si mesmos como contendo os dois. E, somente então, o eu inferior poderá, gradualmente, desenvolver-se e crescer, saindo da sua cegueira. Mas, enquanto vocês não reconhecerem a si mesmos como sendo ambos, bom e mau, enquanto lutarem contra esta maldade e acreditarem que não podem tolerá-la, a dualidade existirá.

Ao aceitar o seu eu inferior podem gradualmente, superá-lo, tanto quanto a dualidade entre o eu superior e o eu inferior. Pela não aceitação, vocês aumentam a dualidade.

Este é, também, o caso com o tema vida e morte. Ao aceitar a morte, a dualidade entre vida e morte, gradualmente, decresce até desaparecer totalmente. Ao lutar contra a morte, à medida em que lutam contra o seu eu superior, a dualidade aumenta.

PERGUNTA: "Você poderia falar sobre o que Goethe quis dizer com "Duas almas reinam no meu peito?"

RESPOSTA : Isto pode ser interpretado com o significado do eu superior e do eu inferior. E pode ser, também, interpretado como sendo a dualidade entre o eu idealizado e o eu real. A falta de paz entre o eu superior e o inferior traz à existência o eu idealizado. Estas duas dualidades são interdependentes. Veja bem, quanto mais se coloca o eu idealizado entre o eu real e a vida, menos se poder crescer, mais o eu real encolhe e fica proibido de funcionar.

PERGUNTA : "Na psicologia moderna, freqüentemente, ouvimos a palavra esquizofrenia aplicada às pessoas que são psicóticas. De acordo com a sua palestra de hoje à noite e às anteriores, estamos todos fragmentados, partidos. Esta dualidade é apenas uma questão de grau?"

RESPOSTA : Sim, é uma questão de grau, de intensidade e de quantas áreas da personalidade ela inclui. Para o psicótico clínico, as áreas onde o self não é aceito estão sufocadas.

Para uma pessoa mais normal que consegue lidar com a vida, o eu idealizado pode penetrar a personalidade como um todo, mas ainda existe um certo senso de realidade.

PERGUNTA : "Na última palestra, aprendemos que é importante para nós enfrentar a morte a fim de viver plenamente. Existe, atualmente, grande publicidade dada ao julgamento de Adolf Eichmann. As minhas perguntas são:

Primeiro , é possível e deveríamos, tentar encarar as mortes desses milhões de infelizes a fim de aprender algo para nós mesmos individualmente?

Segundo, é saudável reviver uma era de morte e destruição?

Terceiro, pode a humanidade aprender alguma lição positiva ao reviver isto?

RESPOSTA : Respondendo à primeira pergunta. Pode alguma lição ser aprendida sobre a vida e a morte ou qualquer outro tópico, em função deste tópico? Depende inteiramente de você, o indivíduo, se ou não você vai poder e querer aprender a lição.

Mas, com relação à lição de morte, eu aventuro dizer que cada pessoa tem que passar por isto individualmente, seja uma verdadeira morte física ou a muitas mortes cotidianas de que falei recentemente.

Eu acho que seria muito perigoso presumir que uma pessoa possa aprender através da tragédia de uma outra, neste sentido particular. Seria perigoso porque isto provocaria uma auto-suficiência naquele indivíduo que, possivelmente, resultaria numa crueldade passiva e, mais tarde, até ativa. Tal pessoa pode "desculpar" crueldade de maneira sutil e insidiosa.

Certas coisas só são possíveis aprender passando-se por elas. Existem outras maneiras nas quais o indivíduo pode, ao menos teoricamente, aprender através das experiências de outras pessoas, se ele estiver aberto para isso.

Contudo, a experiência mostra que a maioria das vezes os indivíduos têm de aprender as suas próprias lições através dos seus próprios erros, não pelos erros que os outros cometem e não pelas experiências passadas pelas outras pessoas.

Se, em casos isolados, isto ocorre, tanto melhor. Mas não existe regra geral que possa proclamar que um acontecimento particular conduza mais ao aprendizado do que outro. A maioria das vezes é mais fácil aprender uma lição a partir dos seus próprios insignificantes desapontamentos do que da tragédia de uma outra pessoa.

Quanto à segunda questão, meus caros amigos, não é possível responder com um sim ou um não. Novamente, depende da pessoa. Uma lição positiva poderia ser aprendida pelas pessoas, bem como pela humanidade em geral, se eles lembrassem desta era de destruição e crueldade. E uma lição negativa também poderia ser aprendida através disto.

Da mesma forma, uma lição positiva como uma negativa poderia ser aprendida mesmo que não fosse revivida. Não há SIM ou NÃO. Não existe uma resposta padrão para nenhuma das duas alternativas.

Enquanto as pessoas forem governadas basicamente pela vingança, pelo ódio e pela revanche e estas emoções continuarem predominantes, não haverá lição. Se, por outro lado, as principais motivações forem verdadeiras e genuinamente mais construtivas que destrutivas - não apenas proclamado, mas realmente sentido - a lição será positiva.

Por outro lado, não reviver isto pode, também, advir de motivos negativos, tais como covardia, medo, indiferença, oportunismo e resignação. Seria, então, uma lição negativa. Não reviver isto poderia, também, surgir da verdadeira sabedoria que conhece que a leis do mundo divino toma conta de tudo.

Mas isto, certamente, não significa que os criminosos não devem pagar as conseqüências. A visão de tomar para si a punição de um outro ser humano é bastante diferente da visão de impedir uma maior crueldade, enquanto se cura um criminoso de uma doença - se é que eles desejam aceitar a ajuda necessária.

PERGUNTA : "Até que ponto uma pessoa deve tomar para si a punição de um criminoso?"

RESPOSTA : Não caberia às pessoas punirem. O seu curso de ação deveria ser, e um dia será, também, tomar para si a responsabilidade sobre qualquer crime que possa acontecer seja por valores errados, sistemas errados, educação errada ou atitudes erradas.

Com este reconhecimento, o peso mudará de punição para cura, mas a possibilidade de perpetrar futuros crimes por tais pessoas deveria ser estritamente evitada pela redução da sua liberdade externa, enquanto o ajuda a obter a liberdade interna através do tratamento. Isto pode ser sentido como punição de qualquer maneira pelo criminoso, pois a infração da liberdade pessoal, bem como o doloroso processo de cura da alma, pode ser tão difícil quanto a morte e a vida na prisão, apenas mais construtiva. Tudo isso será, assim, um dia.

Possam todos vocês encontrar verdade, ajuda e iluminação através das palavras que lhes dei esta noite. Contudo, deveriam compreender e perceber que a compreensão teórica, especialmente agora, não lhes servirá de nada, enquanto estas palavras permanecerem na teoria, vocês não serão ajudados.

Quando começarem ou continuarem o trabalho nesta direção e permitirem sentir e observar as suas reações emocionais conectadas com o seu eu idealizado, então farão progressos substanciais na sua própria liberação e auto descoberta, no verdadeiro sentido da palavra.

Agora, meus queridos, cada um de vocês receba nosso amor, nossa força e nossa bênção.  
**ESTEJAM EM PAZ! ESTEJAM EM DEUS!**